

OS PLANOS
BILDERBERG
PARA **PORTUGAL**

RUI PEDRO ANTUNES

OS PLANOS
BILDERBERG
PARA **PORTUGAL**

© 2015, Rui Pedro Antunes e Matéria-Prima Edições
Todos os direitos reservados
incluindo os direitos de reprodução total ou parcial em qualquer suporte.

Matéria-Prima Edições
Av. Miguel Bombarda, 42, 1.º C
1050-127 Lisboa
geral@mpedicoes.com
www.materiaprimaedicoes.com

Título: *Os Planos Bilderberg para Portugal*
Autor: Rui Pedro Antunes
Revisão: Cristina Silveira de Carvalho
Paginação: Gráfica 99
Capa: Pedro Fernandes/Matéria-Prima
Foto da capa: Getty Images

Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
1.ª edição: outubro de 2015
ISBN: 978-989-769-037-2
Depósito legal: 398 821/15

*À Ana Bela,
porque tudo
é sempre por ela*

Índice

Introdução	13
------------------	----

PARTE I Origem e funcionamento

ORIGEM

Um polaco paraquedista, um príncipe e a CIA	19
---------------------------------------------------	----

FUNCIONAMENTO

O que acontece em Bilderberg, fica em Bilderberg	25
1. O que é e que objetivos tem o Clube de Bilderberg?	25
2. Quais são as regras e o nível de secretismo de Bilderberg?	31
3. Quem manda em Bilderberg?	35
4. Como se financia Bilderberg?	42
5. Como são feitos os convites e quem pode ser convidado?	43
6. Quem já esteve em Bilderberg?	46
7. Quem são os inimigos de Bilderberg?	48
8. Quais são os braços de Bilderberg?	57

PARTE II Bilderberg e Portugal

Os portugueses em Bilderberg

FRANCISCO PINTO BALSEMÃO

O <i>bilderboss</i> português: de Kissinger e Camarate à Penha Longa ...	63
A memória da mulher	64
<i>Expresso</i> revela os passos do “pai” em Burgenstock	66
A Internacional Reformista	67
«Um resumo muito fiel»	69
Um poder que vem de trás	70
Penha Longa: um encontro pago pelos contribuintes portugueses	72
Ilustres pediram <i>sushi</i> e visita ao Palácio da Vila	73
Governo mundial, não. «Centrão», sim	75

DURÃO BARROSO	
O novo português da cúpula, com a bênção de Rockefeller	78
Premonição: « <i>Global leader for tomorrow</i> »	79
Um guião para o futuro	81
<i>Centrão</i> em Bilderberg no ano do Iraque	84
<i>Nothing else</i> «Martens»	88
Durão e Schröder juntos, Merkel a caminho	90
<i>Go West?</i>	94
ANTÓNIO GUTERRES	
O potencial sucessor de Ban Ki-Moon	100
Os primeiros passos em Bilderberg	102
Bater Kouchner e estar na linha à sucessão de Moon	104
PAULO PORTAS	
Bilderberg e a irrevogável crise de 2013	108
Portas e Seguro com dois terços da <i>troika</i>	111
A vitória de Bilderberg?	117
ANTÓNIO COSTA	
O ano dos líderes de amanhã	120
RUI RIO	
O homem que Balsemão quer em Belém	123
JOSÉ SÓCRATES	
De Stresa para o partido. E para o país.	125
Sócrates e a compra falhada a... Cebrián	126
JORGE SAMPAIO	
O Presidente em exercício e o cargo na ONU	130
ANTÓNIO VITORINO	
O «facilitador» participou três vezes	135
MARCELO REBELO DE SOUSA	
O braço lobista do <i>Tio Sam</i> chega a Bilderberg, palavra do professor ..	138
EDUARDO FERRO RODRIGUES	
Em Versalhes, no olho do furacão da Casa Pia	142
ANTÓNIO NOGUEIRA LEITE	
Na direção da CGD um mês depois do encontro suíço	145
INÊS DE MEDEIROS	
Camarate e a queixa dirigida a Assunção Esteves	149
AUGUSTO SANTOS SILVA	
Crónica de um lugar onde se estrutura um pensamento ocidental .	153
NUNO MORAIS SARMENTO	
O futuro líder barrosista que não chegou a sê-lo	157

JOÃO CRAVINHO	
(Não) professar a «Bíblia <i>bilderberguista</i> »	162
OS BANQUEIROS	
De Salgado a Santos Silva	164
Gulbenkian é um jardim de ex-Bilderbergers	166
OS JORNALISTAS	
O respeito pelo veto de silêncio	167
Bilderberg e a História de Portugal	
ESTADO NOVO	
Bilderberg e o ouro nazi	170
SARMENTO RODRIGUES	
Uma preocupação chamada Lajes	173
A REVOLUÇÃO	
Nem Abril escapou a Bilderberg	176

PARTE III

Como Bilderberg faz mexer a Europa e o mundo

NA EUROPA	
O Euro e a crise em Portugal	183
Dedo na crise das dívidas: Do Lehman Brothers a Portugal e à Grécia	184
Bilderberg tramou Strauss-Khan?	190
O caso	192
NO MUNDO	
Como cozinhar uma crise petrolífera	194
O braço não armado da NATO	198
Mais um Clinton na Casa Branca com patrocínio Bilderberg?	199
A outra Clinton	202
Conclusão	205
Bibliografia	209
Agradecimentos	213

Introdução

Não são os políticos os que governam o mundo.
Os lugares de poder, além de serem supranacionais,
multinacionais, são invisíveis.

José Saramago

○ Clube de Bilderberg reduz a ficção todas as acusações contra o grupo, mas não deixa de alimentar um autêntico cenário de filme. No ano em que o encontro se realizou em Copenhaga, pude ver *in loco*, no aeroporto da capital dinamarquesa, hospedeiras com um B maiúsculo desenhado na *t-shirt* a encaminharem políticos, banqueiros e empresários para carrinhas de vidros escurecidos – tão opacos como muito do que se passa em Bilderberg – que dali saíam a alta velocidade.

No hotel onde se realizou a conferência na capital dinamarquesa, o Marriott, o cenário não se tornava mais normal. *Snipers* no terraço, forças especiais em barcos ou helicópteros a rasgar os céus compunham a fotografia habitual de Bilderberg.

Fora do perímetro de segurança, como sempre, os ativistas que acusam Bilderberg de ser responsável por tudo: pelo 11 de setembro, pela guerra no Iraque ou até de envenenar a população mundial através dos motores dos aviões comerciais.

Entre as teorias da conspiração de uma Nova Ordem Mundial (que impõe um governo global inspirado em obras

de ficção como *1984* de Orwell ou *Admirável Mundo Novo* de Huxley) e as declarações oficiais do grupo (que Bilderberg é uma mera conferência), está a verdade sobre o Clube. É essa verdade que segue nas páginas seguintes do livro, que não impõe dogmas, verdades absolutas nem teorias da conspiração.

Embora não sendo uma mera investigação jornalística, o livro respeita a máxima de que as opiniões são livres e os factos são sagrados. O que falta neste livro em opiniões engajadas pró ou anti-Bilderberg – que tem sido a marca da maioria dos livros publicados sobre o tema – sobra em factos.

Vamos a eles: Bilderberg reúne atualmente alguns dos mais poderosos políticos e empresários da Europa Ocidental e dos EUA. A lista de participantes, bem como a localização, é secreta até três dias antes do encontro. Tudo o que se discute lá dentro também. Há vários casos em que se verifica uma relação Bilderberg-efeito: mesmo que sejam desconhecidos, após passarem por Bilderberg, os políticos chegam aos mais altos cargos de poder.

Até agora, a maioria dos livros sobre Bilderberg aborda o Clube na perspetiva mundial e, quando referido, Portugal é secundarizado. No entanto, houve vários momentos em que o curso das decisões políticas e sociais em Portugal foi influenciado pelo grupo, que recentemente mudou o português que tinha na sua cúpula. O ex-primeiro-ministro Francisco Pinto Balsemão deu o lugar a Durão Barroso em 2015 no Comité Diretor.

A esmagadora maioria dos decisores políticos em democracia (e não só) passaram, antes ou depois de ocuparem

os cargos, por Bilderberg. Dos 73 portugueses nos encontros, 43 foram (ou são) ministros, oito desempenharam funções como secretários de Estado, 12 foram líderes dos três partidos do «arco da governação», cinco foram primeiros-ministros e um foi Presidente da República.

Há vários momentos da democracia portuguesa em que é atribuída responsabilidade ou influência da tal mão invisível de Bilderberg. Desde logo, na própria construção da democracia, no 25 de Abril de 1974, quando o secretário-geral da NATO (organização que é uma espécie de braço armado das ideias atlanticistas de Bilderberg) terá concordado com os restantes membros do Clube não intervir na Revolução. Mas foram vários os casos que levantaram suspeitas: desde o atentado de Camarate à crise do irrevogável. Além, claro, das ajudas que Bilderberg foi dando a alguns portugueses para chegarem a altos cargos de poder.

Nem todos os planos de Bilderberg para Portugal ou para a Europa, mesmo os assumidos, correram da forma planeada. O poder tem limites. O de Bilderberg também. Mas existe e continua bem vivo.

Conspirações à parte, a verdade sobre Bilderberg segue nas próximas páginas. Vamos saber como nasceu, como funciona, que relação tem com o poder em Portugal e como exerce a sua influência aqui e no resto do mundo.

PARTE I

Origem e funcionamento

ORIGEM

Um polaco paraquedista, um príncipe e a CIA

Se o Grupo de Bilderberg não é uma conspiração de alguma espécie, funciona de uma forma que parece uma imitação muito boa de uma conspiração.

C. Gordon Tether, *Financial Times*, 1975

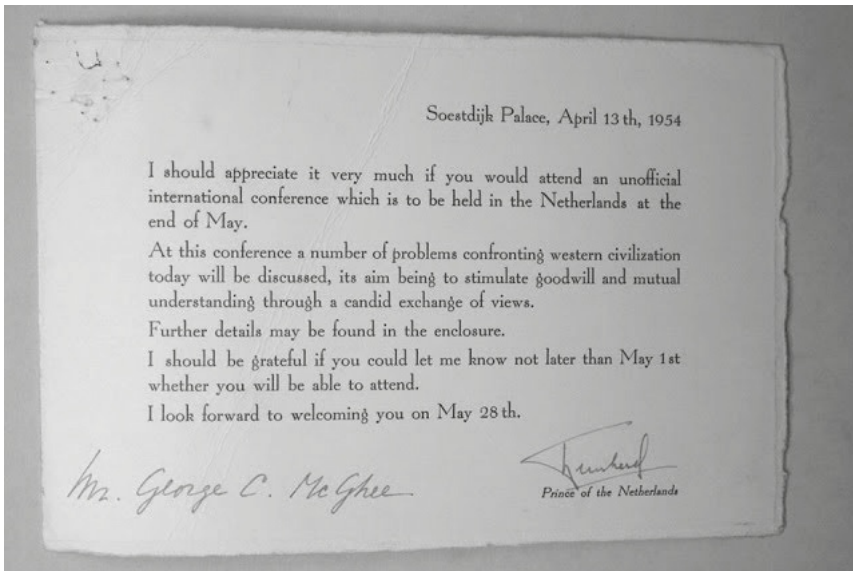
Juntar uma elite de industriais e políticos num encontro anual, quase secreto, de forma a combater o comunismo, reforçar as relações atlânticas e unir a Europa Ocidental. A ideia partiu de uma já então velha raposa da diplomacia mundial, o polaco Józef Retinger, que convenceu o príncipe Bernhard da Holanda a organizar o primeiro encontro.

Retinger, aos 66 anos, já tinha corrido o mundo, numa vida digna de novela. Havia sido consultor político do governo polaco no exílio, conselheiro do presidente do México, foi atirado de paraquedas na Polónia ocupada por Adolf Hitler em missões secretas; contou ainda com uma passagem por Inglaterra nos anos 1910, onde se tornou o melhor amigo do também polaco e escritor Joseph Conrad.

O diplomata polaco era um entusiasta do europeísmo, lobista do Movimento Europeu e foi um dos responsáveis pelo nascimento do Conselho da Europa e, mais tarde, da Comunidade Europeia. Por seu lado, o príncipe Bernhard

acreditava também na necessidade de unir os laços entre os europeus ocidentais, pelo que decidiu preparar um encontro de elites.

O primeiro conclave acabaria por se realizar, então, no dia 29 de maio de 1954, no Hotel Bilderberg, em Oosterbeek, na Holanda. O nome do hotel onde se realizou o primeiro encontro acabou por batizar o grupo, que foi alterando de forma dinâmica os seus membros e participantes, mas mantendo uma longevidade e vitalidade impressionantes. Não só continua ativo, como reforçou a sua influência; em 2015 teve a sua 63.^a edição. Atualmente mantém várias características em comum com o primeiro encontro: dura três dias, a discussão é semisecreta e conta com a participação de algumas das personalidades mais importantes do mundo industrial, político e académico.



Um dos convites feitos pelo príncipe Bernhard para a primeira reunião de Bilderberg, em 1954.



Foto do primeiro encontro de Bilderberg.

Mas voltemos ao passado. Retinger e Bernhard avançaram para a organização do encontro com a ajuda do ex-primeiro-ministro belga Paul Van Zeeland e do então presidente da multinacional de bens de consumo Unilever, Paul Rijkens. Na fase preparatória, ainda em 1953, o bem relacionado Bernhard pediu também ajuda e apoio ao diretor da CIA, Walter Bedell Smith, que indicou Charles Douglas Jackson, conselheiro de Eisenhower, para tratar dos convites e das *démarches* necessárias do lado norte-americano.

A logística estava, então, ainda longe do detalhe a que os eventos de hoje estão sujeitos, com a grande diferença a registar-se nas medidas de segurança. As deslocações foram, na época, organizadas por uma pequena agência de viagens, num gabinete que, segundo foram informados os participantes, ficaria a cargo de uma tal «Miss M. Tuinman», sem direito a nome próprio.

Na verdade, dada a dimensão do hotel de Bilderberg, alguns dos convidados tiveram de ficar instalados em dois outros hotéis da vizinhança: o Wolfheeze e o Koonings Jaght. Outra das curiosidades deste primeiro encontro é que o alojamento e as refeições eram gratuitos, mas os participantes foram desde logo avisados de que «qualquer extra será cobrado aos convidados». Não havia o luxo e o fausto das reuniões de hoje.

Os grandes temas de debate do primeiro encontro espelhavam bem as preocupações e os objetivos do grupo: o comunismo e a União Soviética, a diplomacia atlântica, a economia no mundo ocidental e a integração e defesa europeias (de defesa de uma certa Europa, claro: a que estava do lado ocidental da cortina de ferro).

O primeiro encontro foi presidido pelo príncipe Bernhard. Retinger assumiu o papel de secretário-geral e, uma vez que ainda não existia um Comité Diretor com os moldes de hoje, destacava-se uma dezena de relatores, nos quais se impunham nomes europeus como o ex-primeiro-ministro italiano Alcide de Gasperi e o ex-vice-primeiro-ministro francês Guy Mollet, e figuras norte-americanas de proa como George Ball, David Rockefeller ou Dean Rusk. Ball foi chefe do Lehman Brothers, ex-alto funcionário do Departamento de Estado (onde arquitetou a criação da NATO), membro da Comissão Trilateral e próximo de Jean Monnet, devido ao seu trabalho como consultor jurídico da CECA e da delegação francesa para as negociações do Plano Schuman. Já David Rockefeller destacava-se como CEO do Chase Manhattan Bank, membro do conselho da Câmara de Comércio Internacional dos EUA e fun-

dador da Comissão Trilateral. Por sua vez, Dean Rusk destacar-se-ia, anos depois, como secretário de Estado dos EUA e presidente da Fundação Rockefeller, sendo – já à época da fundação de Bilderberg – amigo pessoal de Jean Monnet (que conheceu em Versalhes em 1918), bem como de Dean Acheson, secretário de Estado de Truman e verdadeiro autor do Plano Marshall.

Ao todo, 73 pessoas participaram no encontro, que, desde então, se realizou todos os anos pelo menos uma vez. Foi precisamente o sucesso desta primeira reunião que levou os organizadores a definir que o encontro viria para ficar e que passaria a realizar-se anualmente. Para isso foi criada, desde logo, uma rede informal de contactos com os participantes, de forma a que se mantivessem em contacto ao longo do ano, até à reunião seguinte. E assim nasceu o Clube. Mas de que forma evoluiu e, afinal de contas, o que é o Clube de Bilderberg? São várias as questões que estão sem resposta. Ou melhor, estavam.